

INVICTA • CINE

semanario ilustrado
de cinematografia



nº
135

preço

50

centavo

PSM

AGUIA D'OURO

apresenta, em reprise,
na proxima semana
o sensacional
fonofilme

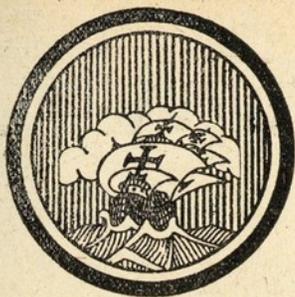
UM SONHO COR DE ROSA

com os
queridos
artistas

JANET GAYNOR

—e—

CHARLES FARRELL



SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS.

Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

N.º 135

REDACTOR PRINCIPAL

ROBERTO LINO

PORTO
5 DE SETEMBRO
1931

ALVES COSTA

SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

Comp. e Imp. - DIARIO DO PORTO

R. S. Bento da Vitória, 10 - Telef. 2300

Redacção e Administração: — Rua das Musas, 45 — PORTO - (Portugal)

FRAGMENTOS...

FALANDO do cinema nacional perante a crítica, Avelino de Almeida escreve com toda a sensatez: «A crítica não pode distinguir adversários e amigos para o efeito de proceder com imparcial justiça. O fiel da balança deve estar igualmente aferido para uns e outros. Mas a severidade maior, se tiver de manifestar-se, sempre empregá-la com os amigos».

Assim é, ou assim devia ser, mas infelizmente tal não acontece com frequência, porque poucos têm a força ou a honestidade precisa para dizerem as coisas como elas são.

Ainda que nós apontemos erros e deslises na melhor das intenções, ou ataquemos um filme apresentando razões e usando dos termos mais amáveis, as pessoas lesadas—ou que tal se julgam—tomam-nos inevitavelmente «de ponta», chamam-nos nomes muito feios e tratam-nos com superior indiferença se são das nossas relações. É por isso que a profissão de crítico, já de si difícil e melindrosa, se torna muitas vezes ingrata e cheia de espinhos. E quanto mais imparciais pretendemos ser, quanto mais sinceros formos, dizendo o que pensamos com clareza e honestidade, tanto mais inhospito se torna o mundo que nos cerca. Porque todos, sejam quem forem, querem ser louvados, adulados, «engraxados». Porque estão todos habituados a uma perpétua adoração, a uma constante bajoujice. E se alguém ergue a cabeça, se alguém ousa sair desse temente respeito e feio rebaixamento moral, bastante coragem necessita para se manter na posição que tomou e se defender, não tanto de ataques descobertos e leais como das ferroadelas manhosas e indirectas, ocultas entre sorrisos fingidos.

E são sempre aquêles de quem somos mais amigos os que mais se queixam de nós.

Note-se: se Avelino de Almeida se referia sobretudo a certa entidade do nosso meio cinematográfico, eu, ao contrário, falo duma maneira absolutamente geral.

O ÚLTIMO número saiu pavorosamente grahlado. No domingo, palavra que até perdi o apetite para o almoço quando comecei a ler a revista—porque eu agora, tendo resolvido dar dois meses de férias á minha pena de tinta per-

manente e ao meu corpo dois meses de permanente bem estar á beira-mar, pouco mais sou do que um simples leitor da «Invicta Cine».

À noite, com ar indignado, queixei-me ao Lino, muito seriamente: Que era uma vergonha publicar um jornal assim; que parecia mal tanta falta de cuidado, tanto desleixo; que mais isto e que mais aquilo...: um nunca acabar de coisas... Mas o homem não me deixou continuar. Cortou-me desábridamente o fio de lamentações que eu ia desenrolando, dizendo-me. «O que Você não sabe é que a «Invicta», para sair no sabado, teve de ser composta numa tarde e numa noite e vistas as provas, só por mim, em quinze minutos. Porque não me veio ajudar? Mas é que nem Você nem nenhum! Lá com essa mania da Foz e do nudismo Vocês deixam isto ao abandono e ainda por cima vêm reportar... Ora aí tem».

Ouvi resignado a descompostura, aceitei a desculpa que realmente é verdadeira, mas fiquei com a minha opinião: o último número está uma vergonha... e tudo por causa do «marismo»... Nem ao menos podemos tomar banhos de sol descansadamente!...

EU TENHO pena da Clara Bow. Pena e saudades. Ela, que era tão engraçadinha, tão viva, tão garota, tão cheia de juventude e de *it*; ela, que em todos os seus filmes, sempre um nadinha sentimentais, nos fazia esquecer as agruras da vida com os seus olhos pestanudos, gaiatos e sorridentes, com a sua trepidação juvenil, com a sua cabeleira rubra em reboliço, com as suas pernas carnudas e buliçosas, com a sua bôca enorme escancarada num riso são e comunicativo; ela, que tinha um cantinho muito seu em todos os corações dos rapazes da minha terra; ela, a Clarinha, abandonou-nos, fugiu de Hollywood, abatida e triste, após uma série de desgostos, de escândalos e de faltas de *sel-control*. Pobre Clara!

Harry Lang, que a foi procurar no rancho de Rex Bell, onde ela está voluntariamente exilada, conta que a encontrou completamente mudada: mais gorda, inevitavelmente mais gorda,

Conclui na última página).

FITAS FALADAS...

... o nudismo... e eu.

Ainda não li o livro «Au pays des hommes nuds», mas se o nudismo é praticado tal como o tem apresentado o carríssimo Amok eu daqui, com tôdas as ganas, afirmo solenemente que, para a vida e para a morte, estou com os nudistas de todos os sexos.

Porque o nú, simpáticas e esbeltas leitoras, tem tanto de imoral como uma capa alentejana pode ter de moralidade. O nú praticado apenas por nudismo, não tenham dúvida que é uma excelente iniciação de estética humana aliada a uma salutaríssima e esplendida educação naturalista. E' claro que me falta muita competência para vir, armado em *sapientes magister*, atirar daqui, dêste lugar da *Invicta*, que não é cátedra, para as leitoras e leitores da minha prosa ondulante (êste adjectivo é de grande efeito) com uma científica dissertação sôbre o nudismo.

Não há dúvida que o nú deve preocupar os higienistas, os filósofos, os psicologistas, os metodologistas, e os simples *logistas* (e êstes mais que os outros porque vêm escassear a freguezia do vestuário), e todos êstes dignos ornamentos intelectuais e utilitários da sociedade de que todos sômos componentes, encaram êste problema com uma sisudez mais grave que a do Pamplinas e tanto hão de escrever e dizer sôbre o nudismo que hão de deixá-lo ainda mais nú.

E o problema é simples. Duma simplicidade admirável. Não é preciso pedir nada á ciência. A gente despe-se e pronto.—Viva o nudismo!

O Jeremias que tem umas ideias muito especiaes e é um fumador impenitente, acaba de ser convidado a aderir ao nudismo.

—Aderes, Jeremias?

—Adiro, com uma condição.

—Qual?

—De me arranjarem uma algibeira para o tabaco.

* * *

Ontem no terraço do Casino, a meu lado estava o Jeremias folheando os últimos números da *Invicta* que se referem ao nudismo.

Num arranque admirável—próprio do automóvel da Anita Page—, Jeremias ao lembrar-se que as raparigas também fazem nudismo, diz num francez em oito lições: *Le nudisme est une grande chose*, e, voltando-se para mim, com ar de rapaz moderno, interroga-me:

—Olha lá. Tu que estás aí sentado nessa cadeira estilo D. Manoel V, á frente de uma secretaria com torcidos e tremidos e com um bloco notas em frente, pensas há mais de meia hora o que hás de escrever para as tuas leitoras. Ainda não começaste. E eu tenho aqui uma ideia que se tu soubesses até me levavas ao cinema do Casino...

Era provável que o Jeremias tivesse arranjado qualquer assunto que merecesse atenção; assim como também era provável que êsse assunto fôsse alguma pidada capaz de fazer corar o Ramonzinho...

Em todo o caso achei que seria bom ouvir o único cinéfilo que até á data mereceu as honras de ser elevado á categoria de porteiro honorário da geral do S. Luiz.

E mostrando-me os números de *Invicta* que estava lendo, prosseguiu:

—Quási todos deram a sua opinião sôbre o nudismo. O A. Costa e o Fernando fazem a apologia do nudismo nas colunas da *Invicta* e praticam o semi-nudismo na praia da Foz. Tu— que fôste o primeiro a atravessar a chamada Costa do Sol, apenas com uns calções, ainda nada disseste sôbre tão salutar sport.

Depois de assegurar-me, previamente, que o Jeremias tinha razão, resolvi dar a minha opinião nudista.

O nudismo que se pratica ha alguns anos no estrangeiro, principalmente em França e na Alemanha, está presentemente sendo introduzido em Portugal, mas de vagarinho, isto é, começando pelo semi-nudismo.

A Costa do Sol onde costume passar o período canicular, foi por mim atravessada—num belo domingo em que as praias trasbordavam de banhistas—envergando, apenas, os calções do meu *maillot*.

Apesar do olhar invulgar dos *meninos* que se dizem modernos, amigos do progresso... e da saude, consegui que, ao fim de alguns dias, uma parte dos banhistas deixassem a camisola em casa, andando na praia sómente com os calções, praticando, assim, o semi-nudismo.

Aqui teem, pois, a minha opinião sôbre o nudismo. Sou adepto do nudismo. Faço a apologia do semi-nudismo por actos e por palavras.

Douglas Faz... bankos

FOTOGRAFIA GUEDES A MAIS PREMIADA
A MAIS PREFERIDA

Distinguida pela superioridade dos seus trabalhos

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350

De New-York a Paris com

Lily Damita



LILY DAMITA

Lá longe, o colosso da estátua da Liberdade perdia-se de vista á entrada do porto de New-York, sumindo-se pouco a pouco num nevoeiro que a distancia ía adensando... O seu vulto voltado para a França, que demandavamos diminuía a olhos vistos...

Sómente as aves marinhas, as gaivotas, tinham por vezes uma raiva potente de vencer-nos em velocidade, de alcançar o paquete que nos leva para a pátria de La Fayette, francês que nos Estados Unidos tantos feitos obrou.

As azas das gaivotas põem riscos brancos no espaço, furado de onde a onde por um raiozinho de sol, que vem beijar o barco, dar-lhe como que o carinho do calor do sol, que deveria beijar terras americanas...

As gaivotas vão ficando atrás, como com medo de virem visitar as irmãs europeias; a terra não é mais que uma barra acinzentada, esfumando-se de cada vez mais.

Nós, que tínhamos ficado á amurada do barco contemplando a manobra, somos chamados á realidade pelo bater cadenciado do hélice, que uma ondulação de proa á pôpa, faz trabalhar, ás vezes, fóra de agua...

O sol raiou completamente desfazendo as últimas farripas dum nevoeiro, que persistia em costas americanas. Começa-se a vida sensaborona de bordo, levada na preocupação de matar o tempo, em conversas e jantares; cada um trata de procurar conhecimentos, trata de conseguir relações, que durem tanto como a viagem...

E nós, que não somos diferentes doutros, fomos também em cata de conversas. Percorremos os «decks» de «Ille de France», transatlântico que nos conduz; há aqui gente de toda a parte, coisas de todas as regiões... Todavia, num ponto do convés há um círculo grande e numeroso de pessoas... O que será?

Alguem doente? Alguem atacado já de enjôo, percorridas apenas 20 milhas?

A curiosidade leva-nos até junto das gentes...

Ora nós, no cais, perante a apatia em que nos lançava o admirar a manobra da desatracação, tínhamos notado, mas sem interesse, uma multidão de reporters fotográficos, operadores, que caíram sobre uma jóvem vestida puramente á parisiense, parecendo possuir um espirito extraordinariamente alegre; era essa mesma jóvem que a bordo prendia as atenções das gentes. Mas quem era?

Cotovelada da esquerda, cotovelada da direita, calos insensíveis, chegamos depois duma travessia dum mar de pessoas a bordo dum barco, á primeira fila...

Quem era? A cara não era desconhecida. Pena de tinta em punho, não falava; apenas rabiscava o seu autografo em «carnets» que lhe estendiam

ávidas mãos; a vez tocar-me-ia, mas não buscavamos autografo, nem procuravamos que nos rabiscassem uma fotografia. Sómente fazíamos a nós próprios a pergun'a: quem será?—Quem será esta jóvem de vestido de viagem, elegante, que está ouvindo de todos os lados Merci—Thank you—Danke sehr—Gracias—Obrigado?

Um olho lançado de lado sobre um autografo ainda húmido, recentemente rabiscado, põem-nos ao facto da personalidade... Nem mais, nem menos que Lily Damita que vai para férias.

Tínhamos companhia e boa companhia, a bordo; que nos interessavam já os outros passageiros?

A maré dêste mar de ávidos dum autografo, foi baixando a pouco e pouco; ficamos sós perante a vedeta. Não tugiámos, sómente quando levantou os olhos do penúltimo «carnet», esperando encontrar em nós o último, sorriu.

—Não deseja também autografo?

—Não Lily Damita; se o quizessemos tê-lo-íamos ido pedir áquêle hotel da 5.^a avenida, onde se escondeu com medo da publicidade, com receio de falar, quando ainda se encontra contratada por Sam Goldwyn.

—Sim é certo, vejo que me descobriu; mas, se me permite, retiro-me pois desejo vêr o arranjo da minha bagagem, no meu beliche...

E partiu; nós, chapéu amarrotado, laço da gravata ao lado, calçado pisado pela avalanche de há pouco, fomos também refazer a indumentária, restaurar sem chic a avariada «encadernação»...

* * *

Para quem estava impaciente por conversar com Lily Damita, fazer por saber algo para lançar na publicidade, a noite caiu lentamente. Estava uma noite de verão; dansava-se, tocava-se, fazia-se a costumada vida de bordo.

Fomos em cata de Lily Damita, e novamente a encontramos asfixiando no meio de cinquenta

teimosos admiradores. Viu-nos, e talvez por necessidade de evitar tam parasitária companhia, veio ter connosco. Conversamos. A princípio banalidades, não fôssemos espantar a caça, depois assuntos de cinema, por fim esta viagem que tambem decorria. Estavamos no ponto cobiçado...

—Mlle Damita, vai á Europa por causa de algum contrato?

—Não, vou de passeio a Paris, Nice e Londres. Anseio pelos «boulevards» parisienses, por visitar os meus colegas e as pessoas de minha familia. Há oito meses que trabalho sem descanso em Hollywood, cidade que hoje estimo e que no principio detestei.

—Mas volta?

—Sim, lá para o fim de setembro. Venho acabar de cumprir o contrato.

—Tem trabalhado muito mademoiselle?

Ultimamente fiz para a Rádio «Madame Julia» e «The Sphinx has Spoken». Esta última foi concluida no dia da minha saída de Hollywood...

—Para que casa vai trabalhar depois do seu regresso da Europa?

—Para a Rádio ainda; tenho mais um filme a interpretar. Depois...

Um gesto de enfado, um aborrecimento, uma indecisão do pensar.

—...o meu desejo seria consagrar seis meses ao cinema, três ao teatro e os outros três á velha Europa.

—Mas, Damita, ainda há pouco se manifestava contente com Hollywood?...

—Sim, mas sou francêsa, quero vida, alegria, ar. sol, tudo...

Uma revoada de admiradores, caminhando e avançando como uma onda afastou-a novamente de nós...

Vimos gosar a noite para junto à amurada; chegam-nos até nós, por entre os compassos que o hélice marca, os sons desharmónicos dum jazz-band.

Lily Damita devia dansar, devia ter um pouco do que queria; «alegria, vida, tudo...»

Num sábado, após seis dias de viagem, uma nevoa azulada que se foi esbatendo pouco a pouco; a terra que ia aparecendo... Novamente as gaivotas riscando o espaço, aos milhares, em revoada como uma chuva de pétalas brancas... O Havre, o porto de Paris, tinha sôbre os seus cais, esperando a atracação do barco, uma multidão de repórteres e operadores cinematográficos que vinham aguardar a chegada de Lily Damita que a electricidade denunciára como partida de New-York...

Todavia, na minha carteira dormia uma direção dum certo lugar de Paris, onde iria visitar novamente Lily Damita, que dizia com um ar mui-

to convincente perante um microfone, sobraçando uma molhada de flôres:

Je salue tous mes amis...

* * *

Uma tarde, fizemos soar a campainha do prédio, onde Damita se albergou. Iamos com a esperança de sermos únicos visitantes, de podermos largamente conversar com a artista. Mas ai! Já lá havia mais gente, já lá estavam outros; cumprimentamos um coléga já há muito conhecido: René Bizet do «Pour vous» e de «L'Intransigeant».

Frases amigas, manifestações de simpatia, mas a nossa entrevista tinha de ser cedida tambem ao coléga.

—Ah amigos; há muito tempo que não tenho o prazer de dormir doze horas seguidas. E' uma raridade um descanso em Hollywood; calculem, que fui obrigada a interpretar tão rápidamente cinco filmes, que adoeci. Trabalho diurno, trabalho noturno, uma autêntica Babel a que obriga o trabalho das versões.

—Tem feito muitas versões francesas?

—Nem muitas, ficam muitissimo caras e arastam a um trabalho extenuante. Não as quero nem as desejo. Aborrecem-me porque me fatigam... Venho para descansar. Quero como já lhe disse vida, alegria, ar. sol, tudo...

—Quais são os seus projectos de férias?

—Passear, gosar, divertir-me o mais incognitadamente, poder levar uma vida de tranquilidade e paz.

—Mademoiselle, para passear é preciso sol e o sol em França tem andado fugidío.

—Embora, virá, porque eu amo o sol que é a vida.

Como negação, talvez como protesto do orgulho de Lily Damita, começou chovendo neste momento. O telefone e a criada não socegam um minuto; um faz a pergunta impertinente se mademoiselle está, outra traz de instante a instante, caixas com bouquets de flôres que lhe enviam os admiradores. Lily está radiante, com tanta flôr, com tanta prova de admiração, mas num instante tolda-se-lhe o olhar e diz-nos com ar irritado:

—E se estes diabos me estragam as férias?

Lily tinha razão. Se todos os seus admiradores soubessem o seu paradeiro, Damita não sairia mais de casa...

J. Allibert.

NA CAPA

Ilustra a nossa capa uma das mais recentes fotografias de Dolores Del Rio.

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo atelier fotografico



HARRIET LAKE

Uma das mais jovens artistas americanas que na próxima época nos aparece no filme «The Dough Boy» com Buster Keaton (Pamplinas)

DAVIDA CINEGRATICA

O grande mercado...

Quando se fala na produção de filmes falantes na nossa língua, aparece logo quem diga:—Sim, se em Portugal, devido ao seu diminuto mercado, não se podem produzir filmes falantes em português, é justo ter em atenção o grande mercado brasileiro onde os nossos fonofilmes são recebidos de braços abertos.

A proposito desse «grande mercado», achamos curioso transcrever da revista «Cinearte», do Rio de Janeiro, o que os nossos «queridos irmãos» dizem dos filmes falantes na nossa língua e que lhes foram apresentados pela produtora Paramount:

«Os filmes que a Paramount preparou com artistas portugueses deixaram muito a desejar. Ninguém, isto é, nem um filho do Brasil percebeu patavina do que diziam lá no português de Portugal os encarregados da falação.

Póde ser que entre a colonia portuguesa da banda de cá algumas pessoas houvesse que os entendessem.

Brasileiro, porem, não houve um só que pescasse uma só palavra.

Se os filmes se destinam apenas a «fazer a colonia», como acontece com as companhias teatrais de além-mar que aqui vêm de vez em vez, muito bem.

Mas a colonia só existe em pequenos nucleos aqui, ali e alem. Filmes falados para o Brasil só no Brasil podem ser feitos, digamos a cousa logo com franqueza. A Paramount perde o seu tempo supondo que podem obter sucesso os artistas portugueses a não ser entre a colonia.

Não é por má vontade, que nós até gostamos muito de véras, dos nossos irmãos de além-mar. Mas é que não mais conseguimos entendê-los. A lingua deles é tão diferente da nossa!»

Que os brasileiros por qualquer motivo não gostassem dos filmes, está certo. Agora que não percebessem o idioma dos seus irmãos, é que não é nada toleravel... A não ser que o nosso colega «Cinearte», quando se refere a brasileiros, só queira incluir nesse numero os selvagens que ainda existem nos sertões da sua pátria...

Cinema sonoro para surdos

Lee De Forest, o grande técnico americano a quem se deve o cinema falado, acaba de inventar e pôr em circulação um aparelho proprio para pessoas surdas ouvirem os filmes.

O engenheiro Forest fez as primeiras experiencias do seu novo invento no Hotel Biltmore, de Los Angeles, as quais foram coroadas de exito. O aparelho é sensibilíssimo ao menor ruido. Consta de um pequeno microfone colocado proximo do alto falante do palco e ligado por fios ás cadeiras proprias para os surdos

que, por sua vez, tem instalações especiais para a recepção dos sons por meio de um fone igualmente potente.

As experiencias estão sendo feitas em conjunto com Charles H. Lehman, de Nova York e associado De Forest na exploração deste invento que vai favorecer a milhões de surdos, de todo o mundo, que ha muito tempo se vêm privando de assistir a um espectáculo de fonofilmes.

A popularidade de Charlot

George Gershard, redactor do «Evening World», referindo-se ao grande artista Charlie Chaplin, disse: «A estreia de «Luzes da Cidade», provou que Charlot é o unico artista no mundo que tem o mundo todo como espectador e todos os países como mercado. Isto, para um homem, pode ser uma honra das mais sublimes, sem duvida. Com a sua pantomina, sem dialogos, ele consegue, melhor do que nunca, agradar universalmente a todas as plateias.

Ele é ainda compreensivel ao publico de todo o mundo da mesma forma que o tornou celebre ha anos quando já era estupendo e apenas tido como um comico vulgar. Do outro lado, todos os artistas que entram para o cinema falado, perdem o seu valor para as plateias que não compreendem o que eles dizem.

Outros povos sabem, igualmente, que ele se conserva integralmente dentro do seu programa auxiliando isto ainda mais o seu sucesso sem precedentes

Charlot regeitou uma verdadeira fortuna que lhe ofereceram para falar alguns minutos pela radio. E recusou, ainda, outras tantas propostas que o iriam diminuir aos olhos do seu publico.

Quando as universidades de Yale e Havard e, depois, as de Oxford e Cambridge o convidaram, insistentemente, para que fizesse diante dos seus alunos uma exposição clara da psicologia da pantomina ele recusou-se, recusando assim uma das maiores honras que já se ofereceram a alguém de Hollywood.

E' que Charlie Chaplin sabe perfeitamente que o segredo da illusão é a base do seu agrado... Mas a verdade é que Charlot continua a ser o mesmo que conhecemos ha dezoito anos».

Um excelente grupo de realizadores

Frank Lloyd, tendo terminado o seu contrato com a *First*, foi contratado por Howard Hughs, produtor associado á *United Artist*. Howard já tem consigo Lewis Milestone, o celebre realizador de «A Oeste Nada de Novo», Howard Hawks, Leo Mc Carey e, agora, com Frank Lloyd consegue um excelente quadro de realizadores.

Um deles, Lewis Milestone, é puramente

para homens. Isto é: prefere os assuntos menos amorosos e de mais ação, na qual homens tenham os principais papeis. Frank Lloyd, pelo contrario, é, positivamente o director das mulheres, pois só prefere os temas que tenham mais conexão com o sexo fraco...

Sociedade Geral de Filmes, L.da

Comunicamos a todos os interessados que esta importante casa distribuidora de filmes mudou os seus escritorios para a Rua Alexandre Herculano, 21 r/c—Lisboa.

Joan Crawford fala do casamento

—Hoje em dia, dizia Joan Crawford, a felicidade do casamento depende quasi inteiramente da mulher. Em primeiro lugar, a mulher já não tem necessidade de se casar, como antigamente, com o primeiro homem que lhe apparecesse, para assegurar o seu sustento e ter o nome de casada. O casamento já não é para a mulher o fim, mas sim o principio da sua existencia. Actualmente a mulher pôde tomar conta de si propria confortavelmente e com grande sucesso até que encontre o homem que seja o seu ideal.

—Ceus, as jovens de hoje não reconhecem as possibilidades da época em que vivem! Nos tempos das nossas avós e até das nossas mães, a mulher não podia fazer outra coisa a não ser «arranjar marido» e cuidar da casa. Agora succede quasi exactamente o contrario. A mulher já não tem que se casar por razões economicas, de modo que quando ela se casa é porque prefere o casamento a qualquer outra coisa.

—O casamento, nada muda as pessoas absolutamente, isto é, não as muda intimamente. Jámais poderemos mudar a natureza de um homem, simplesmente porque estamos usando o seu nome nos nossos cartões de visita...

Howrad Estabrook, cenarista americano, fala sobre o seu arduo officio

«—O trabalho de um cenarista é muito parecido com o de um advogado que trás um processo a julgamento. O escritor, antes de mais nada, precisa travar intimo conhecimento com as vidas e os costumes dos seus caracteres para, depois, apresentar a sua solução a uma audiencia, de maneira a conseguir, depois, o veredito favoravel. Ha ações vividas por determinados caracteres que, nos dias do passado eram tidas como «antipaticas», mas que, hoje, são consideradas «humanas». E' que os filmes avançaram muito e, principalmente, conseguiram chegar a um grau de perfeição tal que dão um absoluto colorido de naturalidade, despirodo de qualquer artificio os seus caracteres. E' necessario que o cenarista conheça muito intimamente esses mesmos caracteres e, depois, no seu cerebro chegue-lhe a tarefa de vizualizar factos e occurencias das suas vidas, e, o que é mais difficil, de forma ainda



Dorothy Granger, formosa e elegante artista da «Metro Goldwyn»

não mostrada em filme algum. Esta forma será o ambiente em torno do caracter ao qual procurará o cenarista dar o maior colorido humano possivel e o qual, ainda, constitue qualquer cousa inédita para os olhos e para o espirito. Um determinado acto, não motivado logicamente, provoca a reação da plateia que, toda, não aprova, ao passo que o mesmo acto, cuidadosamente preparado, tornar-se-á simpático e agradavel. Difficil a função de cenarista, garanto-lhes!»

Visado pela Comissão de
Censura

PELO BARRÉDO...

Fugindo um pouco ao progresso, que causa, ás vezes, tédio, embrenhamo-nos, eu e o A. C. nas ruas do Porto véelho.

Paramos no largo da Sé. Amadores de velharias, amante de tudo quanto represente aspectos venerandos, começamos evocando sombras, que naquela Catedral se deveriam ter acoitado, que deveriam ter marcado nitidamente um papel numa época. Decorriam as imagens na nossa memória como num écran, como num filme, e a nossa vélha amisade pelo cinema levou-nos logo a idealizar um cenário sobre o Porto que evocasse, que marcasse, que demonstrasse que esta «nobre e lial cidade» também tem os seus «bas-fonds», as suas ruélas anti-higiénicas mas pitorescas, que o sol beija simplesmente nos telhados, enquanto cá em baixo nas sacadas, como colchas em dias de procissão, se vê num pau em V uma trapagem secando, numa garridice de côres que entontece, um vivo vermelho dum saiote, o branco alvadio duma camisa. Nesta terra bendita que o sol ilumina não haverá pão, mas há ao domingo um trapo lavado e guardado, que faz de fato de ir vêr a Deus.

Eu preferia vêr naquêlo local, naquela Sé secular, de cujo sino caía a esta hora as onze da noite o brilho das côrtes riais, o deslumbramento e o fausto de uma época que não volta; o A. C. preferia vêr homens de burguezins de ferro, mexendo-se pesadamente qual salamandras de aço, fazendo um ruido de cascadeis, metálico, denotando força e vigôr numa raça actualmente enfesada. E foi neste idealizar que nós olhamos para a cidade iluminada como que por uma miriade de pirilampos que ora se apagavam ou acendiam, ou então milhares de olhos dum monstro terrível. E foi assim, entregues a êstes pensamentos, longe do bulício duma civilização que criando tantas mais comodidades tanto mais escraviza, que descemos por entre antros, que são as tabernas daquelas ruas, até á rua dos Mercadores, que o Lino há anos, no seu magnífico documentário «Porto, cidade invicta» nos apresentava como a rua mais central do Porto, onde formavam as forças que esperavam o desembarque do rei, na Ribeira.

Ante aquela rua, com nichos característicos, que evocam as alminhas das estradas das aldeias, farolins acêsos guiando os viandantes, nós compreendemos a poesia, o encanto extraordinário que tem certas minúcias, que levam os pintores de hoje, ainda, a fazerem quadrinhos primorosos com êstes motivos da ingenuidade dum povo de éras idas.

Compreendemos a necessidade que havia em filmar, num conjuncto artístico, todos êstes cantinhos com um encanto particular, com uma beleza própria, em mostrar-se aos outros as portas apalaçadas de certas casas da rua da Reboleira, num conjuncto artístico que tornasse isto, aos olhos dos espectadores, inte-

ressante e agradável, com o seu fiozinho romântico, que escorre por todas aquelas pedras, por todas aquelas viélas fedorentas condenadas a desaparecer sob o camartélo municipal, mas que já fôram avenidas, como as de hoje, por onde em lugar de se ouvir a buzina do auto, se ouvia o guizalhar das mulas trazendo a leiteira, contendo como num escrínio a «menina» filha do senhor morgado.

Compreendíamos a necessidade de recordar isto, nas páginas desta revista. Leitão de Barros dotou Lisboa da sua «Lisboa» que nos mostra algumas velharias da capital portuguesa; nós queríamos vêr restaurada por instantes, sôbre o lençol do écran, a vida da vélha rua dos Mercadores, analisar o movimento do véelho Barrêdo, quando se namorava de estafêrmo com chamamentos de escarrinho. Só o cinema poderá um dia satisfazer-nos êste desejo, fazer voltar à vida aquilo que hoje não é mais do que uma betesga imunda.

Sonhavamos caminhando, é certo, mas idealisavamos também qualquer coisa que muito de proveitôso terá para quem um dia queira gastar com consciência e com gôsto umas centenas de metros de película. O Porto precisa de ter o seu filme longe das suas avenidas, com um pouco de poesia e romantismo, com um pouco de arte, que nos mostre a engraçada cascata que é o bairro da Sé, tal como eu o estou vendo donde escrevo, pensando na noite em que o atravessei, lembrando esta parte vélha da cidade, por onde passam e perpassam tantos indiferentes.

* * *

Fiquem-se em paz a rua da Reboleira e as vélhas ruas do Barrêdo. Continuem-se esbaltando sôbre muros enegrecidos e perdendo-se nas negruras de janélas de rexas, a luz mortíca dos candelabros, das lamparinas de azeite, piedosa e evotivamente acêsas, ainda hoje, neste século frívolo, por creaturas que crêem.

A chapada luminosa duma lampada eléctrica, diz-nos que já morreu o romantismo no exterior da vida, muito embora se acoite ainda nos corações de alguns. O tremeluzir das luzes dos nichos, é impotente contra a luminosidade da electricidade, como o passado o é perante o presente.

Fiquem em paz pensamentos tam arcaicos, que tam poucos compreendem, que só apreciam e admiram quando lhos exibem no meio do seu ambiente triste, enodoando as claridades das grandes cidades, que procuram a todo o transe verem-se livres destas obscuridades, fóco de micróbios e de lixo. Estas ruas mesmo, que a solidão permitia torná las notáveis como foram, idealizá-las fóra da época actual, não têm, vistas de dia, o aspecto arcaico e evocador, que lhes dava a meia-noite caindo arras-

(Conclui na ultima página)

AS INTERPRETES DOS
FONOFILMES QUE
SE EXIBEM NO
PORTO



Corina Freire, protagonista do fonofilme falado em português, «A Dama que Ri», em exibição no *Passos Manuel*—Lillian Harvey, a deliciosa interprete do «O Caminho do Paraizo» que hoje e amanhã se exhibe no *Olympia*—Janet Gaynor, a consagrada artista americana que em «Um sonho côr de rosa», desempenha o primeiro papel e que na proxima semana se exhibe no *Aguia d'Ouro*.



Eis-me nú — Matozinhos — Dê ca uma mãozada e muito obrigado pelas suas felicitações. Alguns dos meus colegas estão contra mim, mas não faz mal, basta-me a vossa adesão. Vejo que Vocês são rapazes ás directas. Mary Glory está filmando *Prisonnier de mon coeur* nos estúdios Tobis de Epinay



Mimi—Porto—Está muito enganada. Não podia ser eu por que não vou para a Foz aos domingos. Se está bom tempo, passo sempre as tardes desses dias ou em Matozinhos ou em Leça. E de mais a mais eu não sou baixo nem uso «bigodinho ftogenico» como Você diz.

Gu-tav Diessl é, sim senhora, um notabilíssimo actor alemão. Está agora trabalhando nos Studios Paramount de Joinville. Pode escrever-lhe para aí.

Amokinho Ben-Amok—Porto—Obrigado! obrigado! e obrigado! Lá por Você ainda ser parente dele, não quiere dizer nada. A «Photoplay» conta, a propósito, esta anecdota: um secretario apresenta-se no gabinete dum produtor cinematografico e diz:

—«Senhor, está ali fóra um sujeito que lhe quiere falar.

Produtor:—Para quê?

Secretario:—Quere entrar num filme.

Produtor:—Quem é ele?

Secretario:—Diz ele que é seu terceiro primo.

Produtor:—Diga-lhe então que apareça depois de amanhã; hoje nós só escolhemos os primos em primeiro grau...»

Aí está o que lhe vinha a acontecer...

Albiciades—Castelo Branco—Por enquanto nada consta sobre a Saur. O meu amigo já deve ter notado que, em Portugal, empregam uma artista uma vez e nunca mais pensam nela... mesmo que tenha dado boas provas. E se chegam a pensar, é para lhe darem um papel de segundo ou terceiro plano, num filme de quarta categoria... A direcção de Saur Ben-Hafid que aí tem está errada. Escreva para: Rua Capelo, 6-1.º—Lisboa.

S. A. P.—Lisboa—Ai Você também adere ao nudismo, ao praismo e a todas essas coisas em ismo que as gentes novas usam? Bravo! isso agora é que o loubet fica afinado... Conheço o Estoril razoavelmente, apesar de já lá não ir ha cerca de três anos.

Lillian Bond receberá a sua declaração de amor—mesmo redigida em português, nos Warners-First National Studios, Burbank, Calif., U. S. A.

Um apaixonado de Brigitte Helm—O meu caro amigo de que terra é? Para outra vez não se esqueça de indicar o nome da cidade onde vive e de oatar a sua correspondência. Os interpretes do filme «Teatro» são: Heinrich George, Marcella Albani e Jean Bradin.

Bessie Love parece-me que está «free-lancing». Todavia escreva-lhe para Standard Casting Directory-Mc 616, Taft Building, Hollywood Blvd, Hollywood-U. S. A.

Por enquanto pouco se sabe ao certo, mas parece que a Clarinha abandonou o cinema.

Obrigado pelas suas saudações. Escreva sempre.

Garbioso—Porto—1.ª Sim senhor, fez muito bem em voltar a ver *Premio de Beleza*. Eu também fui revêr aquele fim magistral que continua sendo, ainda, uma das mais belas coisas que se fizeram em cinema sonoro. 2.ª Creio que para fins de Outubro. 3.ª Isso depende da maneira de ver. Pela minha parte confesso-lhe que não gostei.

A menina da franjinha—Porto—Nada tem que agradecer. Não lhe sei explicar porquê, mas tenho uma especial atracção pelas meninas que usam franjinha. Perguntei por perguntar, porque tive um palpito que a conhecia. Afinal enganai-me. Ainda bem. Não estranhe dizer: ainda bem. E' que ha também meninas de franjinha que são como lapas. Agarram-se e nunca mais se despregam...

E' na proxima semana que o Aguiá d'Ouro reexibe *Um Sonho Cór de Rosa*. O fado *A Severa* vulgarizou-se muito rapidamente... mas já está a passar a praga. E' na rua, nos

café, pela radio, na praia... e até na minha casa, não se toca, não se canta, não se assobia outra coisa. E Você, é claro, para não fugir à regra, atormenta todas as manhãs, todas as tardes e todas as noites os infelizes ouvidos dos seus vizinhos cantando ao piano: «Ha um

degrau no meu leito, que é feito p'ra ti somente»...

E' verdadeira a noticia que demos sobre Pola Negri. No momento em que lhe estou escrevendo essa artista, que eu muito admiro, encontra-se num estado desesperado. Informa a «A. I. C.» que uma complicação de peritonite parece ter impedido qualquer intervenção cirurgica no caso de apendicite aguda de que Pola está duramente atacada. E' muito possivel, e digo-o com sincera pena, que quando este numero fór posto á venda, ela já tenha desaparecido do número dos vivos.

Irresistivel—Porto—Dê cá um abraço! Estou vingado. E' com as vossas cartas e com as vossas palavras de entusiasmo e de pro-nudismo que eu atirarei ao Socrates e ao Loubet, meus «inimigos» em assuntos nudistas, para que eles vejam bem que, apesar de tudo, eu tenho os meus fieis leitores, de pé firme, a meu lado.

Enquanto não ha clubs de nudistas no Porto, trate de se ir expondo ao sol e ao ar do mar, na Foz, em Matozinhos ou em Leça. Se não sabe nadar, aprenda. Vamos a isso que é preciso aproveitar o mês de Setembro. Sobre este assunto, ponto final.

O filme *A Marselhesa* só será apresntado depois de Outubro.

Não me maçou nada. Escreva sempre que queira... e dispa-se.

Delfim humano—Figueira da Foz—Cá está outro! Outro que também adere ao nudismo! Afinal a rapaziada portuguesa está a civillizar-se... ou melhor: higienizar-se, purificando os pulmões, endurecendo os musculos e tostando a pele.

Obrigadissimo pelas suas palavras!

Alberto Gomes—Porto—1.ª Não senhor, não foi ele. E se fosse, a gente não tinha nada com isso... 2.ª E' alemã, mas ha muito que trabalha na America.

O seu postal veio mal endereçado, todavia escreva sempre que queira.

Ela, ela e só ela—Porto—Recomendo-lhe banhos de mar, douches, cargas de agua ou baldes de agua gelada pela cabeça abaixo, ao levantar e ao deitar...

Vá lá, a Marlène, merece bem o seu entusiasmo. E' certo que estão fazendo ruido demais à sua volta, mas aqui para nós, eu também lhe confesso que gosto muitissimo dela. Os americanos, então, babam-se todos.

Li ha dias numa revista dos Estados Unidos:

«Why stop at a mere moratorium for Germany? Call off the whole war debt-but make Germany give us Dietrich in return!» (1).

Quere melhor? Escreva-lhe outra vez mas envie-lhe ao mesmo tempo 50 centimos americanos e verá como recebe a almejade foto auto... carimbada.

Amok.

(1) Porque se ha-de ficar numa mera moratória para a Alemanha? Dispensem o total da dívida de guerra—mas façam com que a Alemanha nos dê Dietrich em troca.

FOTOGRAFIA GUEDES
Primeiros premios em todas as exposições a que tem

: : concorrido : :

346-Rua de Santa Catarina-350

O cinema en-
contra-se, p o d e
dizer-se, na sua
quadra de «férias».

O público que
até aqui ouvia os
«fox» e os «blues»
buzinados p o r
tráz dos écrans,
prefere agora ir
ouvi-los de mis-
tura com o maru-
lho dos mares, nas
praias e nos casin-
os...

E as poses
apaixonadas do
John Boles, os
sorrisos tentado-
res de Bernice Claire,
colhidos em grande escala
pelas moças cinéfilas namoradeiras,
desde a ida-
de dos oito aos oitenta anos, serão repetidas.
Esses mesmos modos, essas mesmas denguiçes,
campearão não por tráz dos penedos ou das sé-
bes, forma de namorar hoje um pouco fóra de
uso, mas no meio dos salões ao som do romântico
«Sous les toits de Paris», enquanto o enlevo
do par canta em doce comunhão espiritual, o
«If I ha a talking
picture of Jou» ou o
«Oh meu bem, como
é bom junto a ti, vi-
ver»...

Na época que fin-
dou acentuou-se a
consagração do cinema sonoro; não vamos aqui
ciscutir, se a essa consagração correspondeu um
ducceso de bilheteira, se fóram bem sucedidas
sertas ousadias de alguns empresários. Deixa-
mos isso para um próximo artigo e falemos
apenas das influências fonoci-
nematográficas...

Elas, antigamente. «in illo
tempore» procuravam imitar
a Clara Bow, colocavam a boi-
na a 3/4 da cabeça, batoniza-
vam os lábios, tornavam-se
extraordinariamente provocan-
tes com o seu modo de ser
ousado, escondendo debaixo
de carros de pó de arroz e pi-
pas de água oxigenada, a sua
sentimentalidade portuguesa.

As mães oitocentistas,
quando reunidas em concílio,
fingem dar tratos á imagina-
ção para procurarem a causa
dêste desregramento da próle
contemporanea. Fingem desco-
nhecer, porque também gos-
tam, que o cinema tem um
largo efeito persuasivo sôbre
os seus rebentos, querubins,
ás vezes, da sociedade actual.

Não vão as minhas presa-
das leitoras, que estão lança-
ndo olhares furibundos á minha
modesta inicial, julgar-me al-
gum septuagenário; nada disso.
Entretenho-me a analisar, sem
vidro de aumento, a socieda-
dade da minha época e espe-
cialmente as minhas tentadoras



Uma cena do filme «O Caminho do Paraizo» que hoje e amanhã se exhibe no Olympia.

contemporaneas,
que imenso apre-
cio, que soube-
ram agarrar-se
rápida mente a
uma civilização
que torna a vida
um sonho, m a s
um sonho muito
efêmero. Como
ia escrevendo,
aparecido o sono-
ro, as necessida-
des e as possibi-
lidades artisticas
fizeram como diz
a canção «como
os alcatrazes da
nora» subir uns

artistas e baixar outros.

Um dos que se nos figura ir para o fundo é
a encantadora Clara Bow, posta de lado e sub-
stituida pela Lilian Harvey. E as «garçonnes»
do meu tempo, que admiram os actores e copiam
as atrizes, entenderam que a Lilian trazia van-
tagens e vá de imitá-la.

Hoje, as namoradeiras modernas exigem que
o enamorado tenha Isota-Frasquini
para se lhe adaptar,
um claxon, que faça
esta ridicula vida um
caminho do paraizo.
Mas nas praias onde
o «fox» e o «blue»
são o condimento

obrigatório da familia «que foi descansar», as
meninas da tal idade, não se bastam já com o
olhar meigo, imitação do John Boles, do primo.
Não... isso foi tempo. Agora na «arte de bem
namorar toda a moça» deve haver um capitulo
em francês, inglês e alemão,
pelo qual o desditoso apaixon-
nado terá de aprender nessas
três linguas, frases ternas, infla-
madas, talvez com um pouco
de sabor à Chevalier... Só
assim, pondo de parte os librê-
cos de vélhas épocas, «O guia
dos namorados», «Cem mane-
iras de conquistar o coração
amado», poderá fazer com que
a Inês de Castro de hoje pon-
ha os olhos em alvo em face
do rosto de sofrimento do
mancebo apaixonado ao ru-
bro...

Oh! Como cheiram a bafio
os amores da Virginia, da Ju-
lieta, da Heloise, da Dama das
Camélias?!... Como ganharam
caruncho os «Guias de namo-
rados» as «Cem cartas de
Amôr» com titulo muito seme-
lhante às «Cem maneiras de
cozinhar bacalhau»!...

Eles, o sexo forte, nunca
foi mais, através de todas as
épocas, que uma pálda som-
ara de fôrça, nêste amorudo
bssunto; elas são cinéfilas e
êles— ai êles, que pena! — ar-

* * * * *
O PRESENTE...
* * * * *



Uma linda imagem de Um sonho cor de Rosa que o Aguia d'Ouro exhibe na próxima semana.

(Conlui na última página).

Pelo Barrêdo...

(Conclusão)

tadamente, como com mêdo de acordar a cidade, das torres da Sé, que tanto badalaram em outros tempos anunciando festivamente ou a passagem de personagens reais, ou a saída do ilustre cabido da grande Sé catedral do Porto; as mesmas vozes de bronze, as mesmas pancadas, caíram irritadamente sobre o pacato e industrial burgo de outróra, convidando o portuense a reunir-se para protestar, para defender-se...

Mas nós vamos camindando sempre; as luzes dos nichos vão-se perdendo nas «nuances» da luz electrica, tal como se vão perdendo no interior dos nossos cérebros estas recordações longinquias...

O rio punha, nesta noite estival, uma humidade no ambiente que cercava as luzes duma auréola luminosa; as luzes da ponte eram riscos sangrentos, cem scintilações de reverbero na superficie lisa do rio; davam-lhe uma claridade mortíca, como a dos vélhos nichos, um halo que permitia vêrem-se ancorados, não galés, nem náus, mas os barcos carvoeiros ingleses, cheios de progresso desde o topo dos mastros á construção do seu casco.

Era o progresso; era a civilização. Mas anacronicamente nós próprios queríamos transportar para o cinema estas visões idealizadas e revelhidas, que o público estima e compreende, como o provam em grande parte os filmes feitos pela cinematografia portuguesa. Finalizara-se o nosso sonho. Voltamos outra vez ao bulício da cidade. Era o progresso com a sua cadeia de impertinências; claxons, campainhas, ruídos diferentes, tudo misturado dando uma impressão de alucinação; era o constante broháhá duma multidão que vinha dos cinemas de admirar e gosar verdadeira arte; era um garotinho que se sumia para os lados do Porto vélho, cantando o fado de «A Sevéra», falando da rua do Capelão, êle que ia pisando betesgas tam antigas, como essa da vélha Mouraria; era a eterna e grotesca farandula da vida agradável para uns, pesada para outros, madeiro pesadíssimo que se tem de levar a um Calvário, que se torna mais ou menos longinquo e de ascensão mais difficil, conforme vão caindo as contrariedades da vida...

Eis o que pensaram duas creaturas, construidas vintescamente, pondo de parte certos preconceitos que ridicularizam a sociedade e a tornam por vezes absurda e estúpida.

(S.)

Fragmentos...

(Conclusão)

vestindo com simplicidade e sem garridice, dedicando-se com frequência à caça nas desertas redondezas do logarejo e levando uma vida quasi primitiva num modesto e feio casarão de madeira sem aconchego e sem nenhuma das comodidades que a civilização inventou. Nem sequer luz electrica...

A' primeira vista quasi se diria que Clara vive despreocupadamente uma vida semi-selvagem entre a meia duzia de amigos que a cercam. Mas os seus olhos traem-na. Os seus olhos acusam ainda bem os desgostos que sofreu. Todavia, longe do mundo, completamente livre, sente-se mais feliz, mais desafogada.

Este repouso far-lhe-à bem. E daqui por algum tempo—porque Clara conta voltar aos estudos— Vocês verão, ela aí vem de regresso a Hollywood, para inundar de novo os écrans do mundo com o seu sorriso de traquina.

OS BRASILEIROS são uns «azes» para inventar cognomes cómicos e extravagantes. Agora a *Cinearte* lembrou-se de chamar a Marlène Diétrich a Rudolfa Valentina... Nem menos.

Se é por «blague», tem graça; se é a sério... valha-lhe Deus.

A. C.

O presente...

(Conclusão)

ranjam uma linha de pêlos metidos á sovêla no lábio superior, cantam com vozes de granizé o «Je t'adore, mais pourquoi» e seguem a sombra do sexo... fraco, de junquinho na mão, um junco que em tempos idos servia modestamente para desentupir escoadouros.

Achamos, às vezes, coisas encantadoras na imitação do cinema pela mocidade contemporanea. Quer na arte, quer na miséria, quer na forma de vestir, de ser, em tudo encontramos hoje, profundado o tema, a influência do cinema e do som no cinema.

—Sinal dos tempos, sinal dos tempos, como diria um abade rochunchudo, e rubicundo duma freguesia provinciana...

(S.)

FOTOGRAFIA GUEDES

O MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRAFICO

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350

SOCIEDADE GERAL DE FILMES

apresenta novamente
na proxima semana
no cine

AGUIA D'OURO

O surpreendente filme
sonoro editado pela
"Fox-Film,,

UM SONHO COR DE ROSA

(Sunny Side Up)

com os conhecidos artistas

JANET GAYNOR
e CHARLES FARREL

Um filme que não é teatro mas
cinema—As mais belas canções

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}

Apresenta novamente ao
publico do Porto o inte-
ressantissimo filme-opereta
da "Ufa" todo falado e
cantado em francês

O Caminho do Paraíso

Super produção interpre-
tada pelos consagrados
artistas Lilian Harvey, Olga
Tschenkowa, Henry Garat,
Gaston Jacquet, René Le-
febvre e Jacques Maury

H O J E
E

AMANHÃ

NO

OLYMPIA